ARTIGO ORIGINAL

Fatores associados à insatisfação com a imagem corporal em acadêmicos de Educação Física

Factors associated to body image dissatisfaction in Physical Education college students

Robson Frank[1], Gaia Salvador Claumann[1], André de Araújo Pinto[1], Paloma Cidade Cordeiro[1], Érico Pereira Gomes Felden[1], Andreia Pelegrini[1]

RESUMO

Objetivo: Investigar a insatisfação com a imagem corporal e verificar os fatores que se associam especificamente à insatisfação pela magreza e pelo excesso, em acadêmicos de Educação Física. **Métodos:** Participaram 299 acadêmicos (173 homens e 126 mulheres), com média de idade de 23,14 (4,93) anos, dos cursos de bacharelado e licenciatura em Educação Física, de uma universidade pública de Florianópolis-SC. Por meio de questionário autoaplicado, os acadêmicos responderam a questões sociodemográficas e sobre imagem corporal (escala de silhuetas) e referiram suas medidas de massa corporal e estatura para o cálculo do índice de massa corporal. **Resultados:** A prevalência de insatisfação com a imagem corporal foi de 76,6% (27,4% insatisfeitos pela magreza e 49,0% pelo excesso), sendo superior no sexo feminino (82,5%). Os resultados apontaram associação entre a insatisfação pela magreza e as variáveis sexo (masculino) e *status* de peso (peso normal), e entre insatisfação pelo excesso e sexo (feminino), *status* de peso (excesso de peso) e curso (licenciatura). **Conclusão:** É necessário que os cursos de graduação tenham conteúdos voltados à saúde do estudante, tratando aspectos relacionados a comportamentos alimentares, obesidade e imagem corporal, bem como as implicações que isso poderá proporcionar em uma futura prática docente.

Palavras-chave
Imagem corporal, Educação Física, estudantes.

ABSTRACT

Objective: To investigate body image dissatisfaction in physical education college students and verify which factors are specifically associated to dissatisfaction with thinness and with overweight. **Methods:** Participated 299 college students (173 men and 126 women) with mean age of 23.14 (4.93) years, of the baccalaureate and degree courses in Physical Education, from a public university of Florianopolis-SC. Through self-applied questionnaire, the academics answered sociodemographic questions, about body image (figure rating scale) and referred their body mass and stature measurements to compute body mass index. **Results:** The prevalence of body image dissatisfaction was 76.6% (27.4% were dissatisfied with thinness and 49.0% with overweight), being higher in females (82.5%). Binary logistic regression analysis revealed association between dissatisfaction with thinness and the variables gender (male) and weight status (normal weight) and between dissatisfaction with overweight and the variables: gender (female), weight status (overweight) and course (degree). **Conclu-**

1 Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc), Centro de Ciências da Saúde e do Esporte, Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano.

Recebido em 1/10/2015
Aprovado em 28/3/2016

Endereço para correspondência: Gaia Salvador Claumann
Universidade do Estado de Santa Catarina
E-mail: gaiasclaumann@hotmail.com

DOI: 10.1590/0047-2085000000118

sion: It is necessary that undergraduate courses have contents aimed to the student health, addressing aspects related to eating behavior, obesity, body image and the implications that it can provide in a future teaching practice.

Keywords
Body image, Physical Education, students.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, tem crescido o número de investigações sobre a imagem corporal em universitários de diferentes áreas do conhecimento. Dentre elas, destacam-se os estudos conduzidos em acadêmicos dos cursos de Medicina, Enfermagem, Fisioterapia, Farmácia e, principalmente, Nutrição e Educação Física[1-6]. Esses se sobressaem por serem cursos considerados da área da saúde e estarem diretamente envolvidos com a saúde e a estética, e a Educação Física integra esses dois aspectos[7].

Objetivando verificar a satisfação com a imagem corporal em ingressantes no ensino superior, nos cursos de bacharelado e licenciatura em Educação Física, Claumann *et al.*[2] constataram alta prevalência de insatisfação (79,2%), sugerindo que essa se constitui em uma população em risco. Os autores acreditam que essa elevada prevalência se deve às exigências físicas e estéticas intrínsecas à profissão e ao curso, assim como às possibilidades oferecidas pela área para modificação de seus corpos em busca de satisfação.

Laus *et al.*[8] investigaram as diferenças na percepção da imagem corporal e no comportamento alimentar de universitárias dos cursos de saúde (Educação Física e Nutrição) e de humanas (Publicidade e Propaganda e Administração de Empresas) em Rio Preto-SP. As autoras verificaram que, embora não tenham sido encontradas diferenças significativas na imagem corporal entre as áreas e os cursos, os indivíduos dos cursos de saúde apresentaram probabilidade maior de ter sintomas de transtornos alimentares.

Corroborando tais informações, estudos que abordaram a relação entre imagem corporal e transtornos alimentares em estudantes de Educação Física e Nutrição verificaram que acadêmicos dessas áreas têm maior risco de apresentar sintomas de transtornos alimentares, como bulimia nervosa[5,7,9]. Além dessa condição, a imagem corporal negativa pode gerar outros comportamentos não saudáveis para a modificação do peso corporal e da forma física, tais como dietas restritivas e prática extenuante de exercício físico, podendo ocasionar transtornos alimentares[10,11].

Compreende-se, assim, a necessidade de conhecer aspectos relacionados à imagem corporal de acadêmicos de Educação Física, pois eles serão profissionais que atuarão diretamente com crianças que estão em processo de descobrimento e conhecimento do próprio corpo, bem como com pessoas que buscam modificar a aparência física por estarem insatisfeitas com o próprio corpo. Rech *et al.*[12] salientam a importância de tal investigação nessa população, visto que esses profissionais serão responsáveis por transmitir conhecimentos acerca dos conceitos e reflexões sobre os aspectos que envolvem a saúde e os vícios culturais sobre o corpo em âmbito escolar e não escolar[12].

Ademais, Yager e O'Dea[13], em estudo conduzido com estagiários de Educação Física, verificaram que a maioria deles apresentava condição prévia ou atual de problemas com a imagem corporal, transtornos alimentares e dependência ao exercício físico. Os autores consideraram surpreendente o fato de poucos desses indivíduos terem buscado algum tipo de assistência para tais problemas, apesar de já terem ao menos ouvido a respeito da importância disso nas aulas na universidade ou visto em leituras. Assim, futuramente em sua atuação profissional, esses professores de Educação Física podem ser menos eficazes em promover a saúde na escola e fora dela, podendo criar preocupações alimentares e de imagem corporal entre pessoas mais vulneráveis[13]. Diante do exposto, o presente estudo tem como objetivo investigar a insatisfação com a imagem corporal e verificar os fatores que se associam especificamente à insatisfação pela magreza e pelo excesso, em acadêmicos de Educação Física.

MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa quantitativa, descritiva, com delineamento transversal[14], desenvolvida a partir do projeto "Estudo longitudinal da saúde e cognição de acadêmicos de Educação Física da Udesc", aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade do Estado de Santa Catarina (Parecer nº 83.192/2012).

O estudo foi conduzido em uma universidade pública de Florianópolis-SC, no primeiro semestre do ano de 2013. Nesse período, havia na instituição 500 acadêmicos matriculados nas oito fases dos cursos de bacharelado e licenciatura em Educação Física (253 do bacharelado), e todos foram considerados elegíveis para participar do estudo. Optou-se por não realizar o cálculo amostral e convidar os estudantes de todas as turmas para responder aos questionários. Aqueles que estavam presentes em sala de aula no momento da coleta de dados e aceitaram participar voluntariamente, assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, foram incluídos no estudo. Os pesquisadores retornaram às turmas ao menos uma vez, em dias distintos, para tentar aplicar o

questionário aos acadêmicos que não estavam em sala de aula no primeiro momento da coleta. Aqueles que não foram encontrados em nenhum dos dias de coleta não fizeram parte do estudo.

O questionário entregue aos acadêmicos foi constituído por uma seção de questões sociodemográficas, elaboradas pelos pesquisadores: sexo (masculino e feminino), idade (em anos completos), a qual foi categorizada em < 20 anos e ≥ 20 anos, curso (bacharelado e licenciatura), estado civil (com companheiro e sem companheiro) e jornada de trabalho (< 20 horas/semana e ≥ 20 horas/semana). O nível econômico foi investigado por meio do questionário Critério de Classificação Econômica Brasil – 2010, da Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (Abep)[15]. As classes econômicas foram agrupadas em alta (A1+A2+B1) e média/baixa (B2, C1, C2, D e E).

Os acadêmicos referiram suas medidas de massa corporal e estatura, as quais foram utilizadas para o cálculo do índice de massa corporal (IMC). O IMC foi utilizado para classificar os acadêmicos, quanto ao *status* do peso, em baixo peso (< 18,5 kg/m²), peso normal (18,5 a 24,99 kg/m²), sobrepeso (25,0 a 29,99 kg/m²) e obesidade (≥ 30,0 kg/²), conforme os pontos de corte estabelecidos para adultos pela Organização Mundial de Saúde (OMS)[16]. Para fins de análise, no presente estudo, em virtude da reduzida prevalência de acadêmicos com baixo peso (n = 6), estes foram agrupados com os de peso normal (n = 216), formando uma única categoria. Ainda, os acadêmicos com sobrepeso (n = 63) e obesidade (n = 11) foram agrupados e constituíram a categoria "excesso de peso".

A satisfação com a imagem corporal foi avaliada por meio da escala de silhuetas de Stunkard *et al.*[17]. A escala consiste em nove silhuetas do sexo masculino e feminino, dispostas lado a lado. O tamanho das silhuetas aumenta gradativamente, conforme aumenta o número dela; a silhueta 1 representa magreza extrema, enquanto a silhueta 9 representa obesidade severa. Os acadêmicos foram instruídos a observar as silhuetas e indicar, entre as nove apresentadas, correspondentes ao seu sexo, qual delas melhor representava seu corpo naquele momento (silhueta real) e com qual gostariam que seu corpo se parecesse (silhueta ideal). Foram considerados satisfeitos aqueles que indicaram a mesma silhueta real e ideal, insatisfeitos pela magreza os que indicaram uma silhueta ideal maior do que a real e insatisfeitos pelo excesso os que gostariam de uma silhueta ideal menor do que a real.

Os dados foram analisados pela estatística descritiva (média, desvio-padrão e distribuição de frequências). As possíveis associações entre as variáveis foram analisadas por meio do teste qui-quadrado e/ou exato de Fischer. Utilizou-se a regressão logística binária, considerando-se como variáveis dependentes as insatisfações pela magreza e pelo excesso. Foram realizadas análises brutas e ajustadas, permanecendo nos modelos ajustados apenas as variáveis que apresentaram, no modelo bruto, p < 0,20[18]. Todas as análises foram conduzidas no programa estatístico SPSS, versão 20.0, adotando-se nível de significância de 5%.

RESULTADOS

Participaram do estudo 299 acadêmicos (173 homens e 126 mulheres) dos cursos de bacharelado (n = 140) e licenciatura (n = 159) em Educação Física, os quais representam 59,8% da população de acadêmicos matriculados na instituição, no semestre em que foram realizadas as coletas de dados. Os participantes apresentaram idades de 18 a 45 anos (média = 23,14 anos; dp = 4,93). Na tabela 1 são apresentadas as características gerais da amostra, estratificada por sexo. As diferentes taxas de resposta apresentadas, de acordo com cada variável, ocorreram pelo fato de alguns acadêmicos terem deixado questões em branco no questionário.

A prevalência de insatisfação com a imagem corporal foi de 76,6%, sendo superior nas mulheres (82,5%) em relação aos homens (72,3%). Ao classificar os acadêmicos em insatisfeitos pela magreza e pelo excesso foram encontradas prevalências de 27,4% e 49,0%, respectivamente. Tanto o sexo feminino (65,3%) quanto o masculino (37,2%) apresentaram maior insatisfação pelo excesso (Figura 1).

Na tabela 2 são apresentados os resultados da análise de associação, considerando-se como variável dependente a insatisfação pela magreza. Os acadêmicos do sexo masculino (OR = 4,15; IC 95% = 2,25-7,68) e aqueles com peso normal (OR = 10,83; IC 95% = 4,04-29,04) apresentaram chance maior de estar insatisfeitos pela magreza.

Ao considerar a insatisfação pelo excesso como variável dependente, os fatores que permaneceram associados ao desfecho após o ajuste foram sexo, curso e *status* do peso (Tabela 3). As mulheres (OR = 8,04; IC 95% = 4,24-15,25), os acadêmicos de licenciatura (OR = 1,99; IC 95% = 1,14-3,48) e aqueles com excesso de peso (OR = 15,71; IC 95% = 7,26-34,01) apresentaram chance maior de insatisfação pelo excesso.
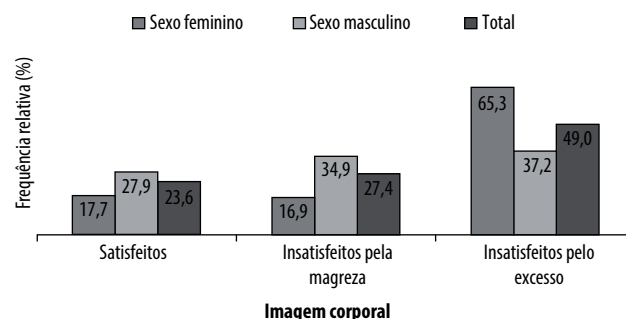
Figura 1. Distribuição de frequência relativa de acordo com a imagem corporal em acadêmicos estratificados por sexo.

Tabela 1. Características dos acadêmicos de Educação Física (2013)

Variáveis	Sexo			
	Feminino (n = 126)	% resposta	Masculino (n = 173)	% resposta
Idade (anos), x̄ (dp)	22,77 (4,78)	98,4	23,41 (5,03)	98,3
Faixa etária, n (%)		98,4		98,3
< 20 anos	24 (19,4)		38 (22,4)	
≥ 20 anos	100 (80,6)		132 (77,6)	
Curso, n (%)		100		100
Bacharelado	56 (44,4)		84 (48,6)	
Licenciatura	70 (55,6)		89 (51,4)	
Estado civil, n (%)		100		96,5
Com companheiro	47 (37,3)		58 (34,7)	
Sem companheiro	79 (62,7)		109 (65,3)	
Nível econômico, n (%)		95,2		94,8
Alto	57 (47,5)		74 (45,1)	
Médio/Baixo	63 (52,5)		90 (54,9)	
***Status* do peso, n (%)**		99,2		98,8
Peso normal	113 (90,4)		109 (63,7)	
Excesso de peso	12 (9,6)		62 (36,3)	
Jornada de trabalho, n (%)		100		99,4
< 20 horas/semana	59 (46,8)		74 (43,0)	
≥ 20 horas/semana	67 (53,2)		98 (57,0)	

x̄ (dp): média (desvio-padrão); n: frequência absoluta; %: frequência relativa.

Tabela 2. Associação entre insatisfação pela magreza (categoria de referência: satisfeitos) e variáveis independentes de acadêmicos de Educação Física, Florianópolis, SC

Variáveis	Análise bruta		Análise ajustada*	
	OR (IC 95%)	p-valor	OR (IC 95%)	p-valor
Sexo				
Feminino	1	0,001	1	**< 0,001**
Masculino	2,66 (1,51-4,66)		**4,15 (2,25-7,68)**	
Faixa etária				
< 20 anos	1	0,087	1	0,365
≥ 20 anos	0,59 (0,26-1,08)		0,72 (0,36-1,46)	
Curso				
Licenciatura	1	0,009	1	0,116
Bacharelado	1,99 (1,19-3,35)		1,59 (0,89-2,85)	
Estado civil				
Com companheiro	1	0,648	-	-
Sem companheiro	1,13 (0,66-1,95)		-	
***Status* do peso**				
Excesso de peso	1	< 0,001	1	**< 0,001**
Peso normal	7,04 (2,73-18-19)		**10,83 (4,04-29,04)**	
Jornada de trabalho				
≥ 20 horas/semana	1	0,041	1	0,225
< 20 horas/semana	1,71 (1,02-2,86)		1,48 (0,82-2,69)	

OR: *odds ratio*; IC: intervalo de confiança.

* Ajuste pelas variáveis que apresentaram p < 0,20 na análise bruta.

Tabela 3. Associação entre insatisfação pelo excesso (categoria de referência: satisfeitos) e variáveis independentes de acadêmicos de Educação Física, Florianópolis, SC

Variáveis	Análise bruta		Análise ajustada*	
	OR (IC 95%)	p-valor	OR (IC 95%)	p-valor
Sexo				
Masculino	1	< 0,001	**1**	**< 0,001**
Feminino	3,07 (1,90-4,94)		**8,04 (4,24-15,25)**	
Faixa etária				
< 20 anos	1	0,499	-	-
≥ 20 anos	1,21 (0,69-2,13)		-	-
Curso				
Bacharelado	1	0,001	**1**	**0,016**
Licenciatura	2,13 (1,34-3,39)		**1,99 (1,14-3,48)**	
Estado civil				
Com companheiro	1	0,161	1	0,400
Sem companheiro	0,71 (0,44-1,15)		0,78 (0,44-1,39)	
***Status* do peso**				
Peso normal	1	< 0,001	1	**< 0,001**
Excesso de peso	5,84 (3,16-10,82)		**15,71 (7,26-34,01)**	
Jornada de trabalho				
< 20 horas/semana	1	0,183	1	0,519
≥ 20 horas/semana	1,37 (0,86-2,16)		1,20 (0,69-2,12)	

OR: *odds ratio*; IC: intervalo de confiança.

* Ajuste pelas variáveis que apresentaram p < 0,20 na análise bruta.

DISCUSSÃO

Os resultados do presente estudo revelaram alta prevalência de insatisfação com a imagem corporal (76,6%) nos acadêmicos dos cursos de Educação Física, sendo superior nas mulheres (82,5%). Houve maior proporção de insatisfeitos pelo excesso (49,0%). Os homens desejaram, em sua maioria, uma silhueta maior do que a sua atual, e as mulheres, por sua vez, desejaram uma silhueta menor. Enquanto os acadêmicos com peso normal tiveram maior chance de estarem insatisfeitos pela magreza, aqueles com excesso de peso tiveram maior chance de insatisfação pelo excesso. Ainda, a chance de estar insatisfeito pelo excesso foi maior nos acadêmicos do curso de licenciatura.

A prevalência de insatisfação com a imagem corporal encontrada nesta investigação (76,6%) é semelhante aos achados de outros estudos realizados com universitários do município de Florianópolis-SC, nos quais a prevalência de insatisfação variou de 69,5 a 79,2%[2,3,19-21]. Em estudo de nível nacional, em que acadêmicos da área da saúde de 37 instituições de ensino superior das cinco regiões do Brasil foram avaliados, a prevalência de insatisfação observada (78,3%) também foi próxima à do presente estudo[1]. Entretanto, prevalências inferiores foram observadas em estudantes de outras universidades da região Sul do país, como em Ponta Grossa-PR (61,2%)[6].

Claumann *et al.*[2] supõem que a elevada quantidade de acadêmicos insatisfeitos pode estar relacionada às exigências intrínsecas à profissão e ao curso, fazendo com que eles se constituam em uma população em risco. A pressão inerente em certos cursos e profissões aliada às perspectivas de corpo saudável e belo pode favorecer comportamentos inadequados de alimentação e atividade física[7,10,11].

A respeito das associações entre a insatisfação com a imagem corporal e o sexo, os resultados encontrados no presente estudo corroboram informações prévias, parecendo haver consenso na literatura de que o sexo feminino deseja ter silhuetas menores do que a atual, enquanto o sexo masculino tem preferência por silhuetas maiores[2,3,12,19,20,22].

Para auxiliar na compreensão desse cenário, cabe destacar os estudos de Gonçalves e Martínez[23] e de Silva *et al.*[24], os quais questionaram aos adolescentes alguns aspectos referentes à imagem corporal. Os resultados apontaram que os jovens reconhecem a existência de um modelo ideal de corpo e aparência física para cada sexo. Os relatos indicaram que o corpo masculino perfeito é considerado como musculoso, alto, bronzeado, com ombros largos, bíceps definidos e abdômen "tanquinho", enquanto o corpo feminino idealiza-

do é aquele considerado esbelto, com curvas e de estatura mediana. Os jovens também relataram que a cobrança para se obter esse padrão de corpo é maior para as moças em relação aos rapazes e, além disso, reconheceram a inevitável comparação do próprio corpo com aquele que é divulgado como ideal.

Em relação à associação verificada entre *status* do peso e insatisfação com a imagem corporal, corroborando os dados do presente estudo, diversas pesquisas com a população universitária têm sido consistentes em apontar que indivíduos com excesso de peso costumam desejar um corpo de tamanho menor do que o seu atual, enquanto aqueles que apresentam baixo peso gostariam de ter uma silhueta maior[2,3,5,6,12,20,25].

Por sua vez, Coqueiro *et al.*[19], em pesquisa realizada com acadêmicos de uma universidade pública federal de Florianópolis-SC, tiveram como objetivo verificar as associações do *status* do peso (por meio do IMC) e a gordura corporal inadequada (por meio de somatório de cinco dobras cutâneas) com a insatisfação com a imagem corporal. Os autores identificaram que, independentemente do *status* do peso dos acadêmicos, a insatisfação esteve presente, e o IMC não se associou ao desfecho. Já a gordura corporal foi um forte preditor da insatisfação. Isso pode indicar que o fato de se sentir insatisfeito está mais relacionado à quantidade de gordura corporal (e ao aspecto e à firmeza do corpo decorrente disso) do que ao tamanho do corpo em si. Entretanto, a gordura corporal não foi estimada no presente estudo.

Por último, a habilitação do curso em licenciatura se associou à insatisfação com o excesso. Estudos que também investigaram esse fator não verificaram sua associação com a insatisfação[2,3,6]. Dentre os participantes dessa pesquisa, os que apresentaram excesso de peso, de fato, eram da licenciatura em sua maioria (60,8%, dados não apresentados). Apesar disso, não foi encontrada associação entre *status* do peso e habilitação do curso. Dessa forma, uma possível justificativa para tal resultado pode estar relacionada ao fato de que as aulas da licenciatura ocorrem no período noturno e 25,3% dos acadêmicos desse curso trabalhavam 40 horas ou mais por semana, contra apenas 6,4% do bacharelado ($p = 0,003$, dados não apresentados), que, por sua vez, têm aulas no período matutino. A elevada carga horária de trabalho pode resultar em maior estresse, atrelado ao menor tempo disponível para cuidar da saúde (incluindo praticar atividade física e se alimentar adequadamente), fazendo com que se percebam menos saudáveis e se sintam piores em relação ao seu corpo, de modo geral.

Ressalta-se que todos os resultados deste estudo devem ser interpretados levando-se em consideração que seu delineamento é transversal, não sendo possível, portanto, inferir relações de causa e efeito. Além disso, o uso de uma escala de silhuetas para avaliação da satisfação com a imagem corporal permite que seja identificada a insatisfação com o tamanho do corpo (principalmente em largura), limitando o entendimento de insatisfações com partes ou aspectos específicos do corpo. Ainda, as medidas de massa corporal e estatura, ao serem autorreferidas, podem ser sub ou superestimadas, contudo esse método de obtenção dos dados é considerado válido para a população adulta[26]. Apesar disso, destaca-se que as informações aqui apresentadas contribuem para o avanço da literatura na área, principalmente por serem provenientes de um número maior de acadêmicos de diferentes fases do curso em questão.

CONCLUSÃO

Cerca de 3/4 dos acadêmicos pesquisados apresentaram-se insatisfeitos com sua imagem corporal. A insatisfação com o excesso de peso foi maior nas moças. Os fatores associados à insatisfação pela magreza foram ser do sexo masculino e ter peso normal. Em relação à insatisfação pelo excesso, o sexo feminino, o excesso de peso e o curso de licenciatura foram os fatores que se associaram ao desfecho.

CONTRIBUIÇÕES INDIVIDUAIS

Robson Frank, **Gaia Salvador Claumann**, **André de Araújo Pinto** e **Érico Pereira Gomes Felden –** Contribuíram no desenvolvimento e revisões do manuscrito.

Paloma Cidade Cordeiro – Idealizou o artigo e realizou a coleta de dados.

Andreia Pelegrini – Idealizou o artigo, realizou as análises estatísticas e contribuiu no desenvolvimento e revisões do manuscrito.

CONFLITOS DE INTERESSE

Todos os autores declararam a inexistência de conflitos de interesse.

AGRADECIMENTOS

Agradecimento à Promop/Udesc (Programa de Bolsas de Monitoria de Pós-Graduação) e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) pela concessão de bolsas de pós-graduação.

REFERÊNCIAS

1. Alvarenga MS, Scagliusi FB, Philippi ST. Comportamento de risco para transtorno alimentar em universitárias brasileiras. Rev Psiquiatr Clín. 2011;38(1):3-7.

2. Claumann GS, Pereira EF, Inácio S, Santos MC, Martins AC, Pelegrini A. Body image satisfaction in freshmen college students in physical education courses. Rev Educ Fis UEM. 2014;25(4):575-83.
3. Ferrari EP, Petroski EL, Silva DAS. Prevalence of body image dissatisfaction and associated factors among physical education students. Trends Psychiatry Psychother. 2013;35(2):119-27.
4. Garcia L, Milagres OG, Mourão L, Assis M, Palma A. Autopercepção da imagem corporal em estudantes de Educação Física e Medicina. Rev Bras Ativ Fís Saúde. 2012;16(1):25-30.
5. Legnani RFS, Legnani E, Pereira EF, Gasparotto GS, Vieira LF, Campos W. Transtornos alimentares e imagem corporal em acadêmicos de Educação Física. Motriz. 2012;18(1): 84-91.
6. Mello GT, Rech RR. Insatisfação com a imagem corporal em acadêmicos de Educação Física. Rev Bras Obes Nutr Emagrecimento. 2012;6(35):233-41.
7. Bosi MLM, Luiz RR, Uchimura KY, Oliveira FP. Comportamento alimentar e imagem corporal entre estudantes de Educação Física. J Bras Psiquiatr. 2008;57(1):28-33.
8. Laus MF, Moreira RCM, Costa TMB. Diferenças na percepção da imagem corporal, no comportamento alimentar e no estado nutricional de universitárias das áreas de saúde e humanas. Rev Psiquiatr Rio Gd Sul. 2009;31(3):192-6.
9. Cenci M, Peres KG, Vasconcelos FAG. Prevalência de comportamento bulímico e fatores associados em universitárias. Rev Psiquiatr Clín. 2009;36(3):83-8.
10. Brausch AM, Gutierrez PM. The role of body image and disordered eating as risk factors for depression and suicidal ideation in adolescents. Suicide Life Threat Behav. 2009;39(1):58-71.
11. Zanetti T, Santonastaso P, Sgaravatti E, Degortes D, Favaro A. Clinical and temperamental correlates of body image disturbance in eating disorders. Eur Eat Disord Rev. 2013;21(1): 32-7.
12. Rech CR, Araújo EDS, Vanat JR. Autopercepção da imagem corporal em estudantes do curso de Educação Física. Rev Bras Educ Fís Esporte. 2010;24(2):285-92.
13. Yager Z, O'Dea J. Body image, dieting and disordered eating and activity practices among teacher trainees: implications for school-based health education and obesity prevention programs. Health Educ Res. 2009;24(3):472-82.
14. Thomas JR, Nelson JK, Silverman SJ. Métodos de pesquisa em atividade física. 6th ed. Porto Alegre: Artmed; 2012.
15. Associação Brasileira de Empresa e Pesquisa (ABEP). Critério de Classificação Econômica Brasil (CCEB). 2010. Disponível em: <http://www.abep.org.br>. Acesso em: 12 mar. 2010.
16. World Health Organization (WHO). Obesity: preventing and managing the global epidemic – report of a WHO consultation on obesity. Geneva: World Health Organization; 1998.
17. Stunkard AJ, Sørensen T, Schulsinger F. Use of the Danish Adoption Register for the study of obesity and thinness. Res Publ Assoc Res Nerv Ment Dis. 1983;60:115-20.
18. Maldonado G, Greenland S. Simulation study of confounder-selection strategies. Am J Epidemiol. 1993;138(11):923-36.
19. Coqueiro, RS, Petroski EL, Pelegrini A, Barbosa AR. Insatisfação com a imagem corporal: avaliação comparativa da associação com estado nutricional em universitários. Rev. Psiquiatr Rio Gd Sul. 2008;30(1):31-8.
20. Martins CR, Gordia AP, Silva DAS, Quadros TMB, Ferrari EP, Teixeira DM, et al. Insatisfação com a imagem corporal e fatores associados em universitários. Estud Psicol. 2012;17(2):241-6.
21. Ferrari EP, Silva DAS, Petroski EL. Associação entre percepção da imagem corporal e estágios de mudança de comportamento em acadêmicos de educação física. Rev Bras Cineantropom Desempenho Hum. 2012;14(5):535-44.
22. Silva TR, Saenger G, Pereira EF. Fatores associados à imagem corporal em estudantes de Educação Física. Motriz. 2011;17(4):630-9.
23. Gonçalves VO, Martínez JP. Imagem corporal de adolescentes: um estudo sobre as relações de gênero e influência da mídia. Comun Inf. 2014;17(2):139-54.
24. Silva MLA, Taquette SR, Coutinho ESF. Sentidos da imagem corporal de adolescentes no ensino fundamental. Rev Saúde Pública, 2014;48(3):438-44.
25. Miranda VPN, Filgueiras JF, Neves CM, Teixeira PC, Ferreira MEC. Body dissatisfaction in college students of different study areas. J Bras Psiquiatr. 2012;61(1):25-32.
26. Coqueiro RS, Borges LJ, Araújo VC, Pelegrini A, Barbosa AR. Medidas autorreferidas são válidas para avaliação do estado nutricional na população brasileira? Rev Bras Cineantropom Desempenho Hum. 2009;11(1):113-9.